



Cena do filme, a co-produção franco-brasileira que participou da noite do "Oscar". FSP - 06/04/79.

“Raoni”: a nacionalidade índia chega ao cinema

RIO (Sucursal) — Embora poucos tenham tomado conhecimento, um filme brasileiro concorreu ao “Oscar”. Não ganhou, mas isso não lhe tira o mérito de ter sido o primeiro filme nacional indicado para ganhar a cobiçada estatueta. Ainda mais quando se sabe que “Raoni” — o filme em questão — foi selecionado entre 150 para ser um dos cinco indicados ao “Oscar” de melhor documentário.

“Raoni” é uma produção franco-brasileira, co-dirigida por Jean Pierre Dutilleux e Luis Carlos Saldanha, que tem como tema a atual situação do índio brasileiro, principalmente suas dificuldades para conseguir a demarcação de suas terras. A indicação para o “Oscar” não foi sua primeira vitória, pois “Raoni” já tinha sido premiado no último festival de Gramado, o que rendeu, aliás, longas discussões no meio cinematográfico: alegavam que o filme não era brasileiro. Acusação que até hoje deixa o produtor, Pierre-Louis Saguez — francês, há muito radicado no Brasil — revoltado:

“O filme não tem nacionalidade: é índio. Ou melhor, é o primeiro filme realmente nacional, já que os índios são os brasileiros puros, os autênticos. Eu e Jean-Pierre, o diretor, somos franceses, mas radicados no Brasil. O co-diretor Luis Carlos Saldanha é brasileiro. O dinheiro empregado na realização do filme foi brasileiro, conseguido, a duras penas, por nós. Até o negativo foi comprado em São Paulo. Como ousam dizer que o filme não é brasileiro? Por que possui certificado dado pelo Instituto Nacional de Cinema da França? Mas, também, tem o certificado do Concine”.

Na verdade, o certificado do Concine veio depois do reconhecimento do filme pelo Instituto de Cinema francês. Isso porque, segundo Pierre Luis Saguez, no Brasil ninguém acreditava no filme. As dificuldades encontradas foram tantas que “Raoni” levou dois anos para ser concluído.

“Em 76, a política era outra, não se falava em abertura. Assim, um filme propondo uma discussão sobre a situação do índio, ameaçava. Não conseguimos apoio oficial, tivemos que apelar para empréstimos. Várias vezes tivemos que parar o trabalho por falta de dinheiro. Quando conseguimos terminar o filme, resolvemos apelar para a França, pois “Raoni” ainda não tinha conseguido o certificado do Concine”.

O reconhecimento pela França foi feito sem problemas, já que a presença de dois franceses à frente da equipe assegurava, por lei, a nacionalidade do filme. Conseguido o reconhecimento, Jean-Pierre Dutilleux resolveu arriscar bem alto: foi para os Estados Unidos, com uma cópia do filme debaixo do braço, tentar uma entrevista com Marlon Brando. Ele e Pierre Louis achavam — com razão — que “Raoni” poderia interessar ao ator, há muito empenhado na luta pelos direitos dos índios norte-americanos.



“As crianças brasileiras vão conhecer o verdadeiro índio”, diz um dos diretores.



A estreia no Brasil está marcada para este mês.

Marlon Brando fez mais do que ajudar na tentativa de colocar o filme para a seleção do “Oscar”. Sem receber nada, fez a narração de “Raoni” em inglês, além de participar, durante sete minutos, da versão norte-americana do filme. Nessa versão há mais uma parte, filmada nos Estados Unidos que mostra os índios de lá e sua luta por melhores condições de vida. Jean-Pierre Dutilleux tentou, assim, fazer um paralelo entre os problemas dos indígenas de lá e de cá. O filme já foi exibido, com sucesso, em sessões especiais nos Estados Unidos e conseguiu, inclusive, os aplausos de um outro ator, John Voigt, premiado com o “Oscar” de melhor interpretação na última segunda-feira.

Na França, o filme foi também um grande sucesso. Ficou três meses em cartaz. No Brasil, vai estrear este mês e Pierre-Louis Saguez acredita que agradará ao público, principalmente às crianças, a quem, aliás, o filme é endereçado.

“As crianças brasileiras vão conhecer o verdadeiro índio. O público todo, aliás, vai ver, pela primeira vez, um índio fazer no cinema, pois em “Raoni” não há atores. Os próprios índios falam e exigem seus direitos. É um filme sobre direitos humanos. Para mim, “Raoni” é mais que um filme. É um recado. Um recado para uma geração mais nova, mais livre de preconceitos e problemas.”